Saldanha, M.A.; Alves, M.L.B.; Oliveira, A.F.B. de; Taveira, M. da S; Cruz, S.H.R.
**Os macacos pregos em Vassouras/Lençóis Maranhenses: turistas irresponsáveis trocam fotografias por biscoitos de chocolate. Revista Brasileira de Ecoturismo,** São Paulo, v. 19, n.1, fev-abr 2026, pp. 61-78.

# Os macacos pregos em Vassouras/Lençóis Maranhenses: turistas irresponsáveis trocam fotografias por biscoitos de chocolate

## *The Capuchin monkeys in Vassouras/Lençois Maranhenses: irresponsible tourists exchange photographs for chocolate cookies*

Marcelo Aragão Saldanha, Maria Lúcia Bastos Alves, Almir Félix Batista de Oliveira, Marcelo da Silva Taveira, Sílvia Helena Ribeiro Cruz.

**RESUMO:** O trabalho objetiva discutir a exploração dos macacos pregos, alimentados artificialmente por ávidos e "irresponsáveis" turistas em troca de fotografias *e vídeos*, no vilarejo ribeirinho de Vassouras, em Barreirinhas nos Lençóis Maranhenses, enfatizando as percepções/reflexões dos agentes/operadores de viagem receptivos, entendidos, como unidades amostrais do estudo, sendo este, portanto, o seu tema. Em sequência ao aporte teórico preliminar e no que concerne a busca das respostas para tal (emblemática) situação, se estabelece a metodologia da Pesquisa de Campo, utilizando-se do instrumental do tipo Entrevista Semiestruturada, estando esta provida de indagações que se alternam entre aberta/subjetiva e fechada/objetiva. Os resultados obtidos apontam para as evidências de um roteiro que se afigura pouco coerente, dada a ausência de correlação da sua proposta com a atividade de Turismo Ecológico, Sustentável e Verde, tão propagada no destino. Em conclusão, realça-se um lamentável caso de desequilíbrio do ambiente, o que reforça o modal "Turismo de Massa" ali estabelecido, gerador de adversidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vassouras em Barreirinhas; Exploração; Macacos pregos; Alimentos; Agentes de viagem receptivos.

**ABSTRACT:** This paper discusses the exploration of capuchin monkeys, artificially fed by eager and "irresponsible" tourists in exchange for photographs and videos, in the riverside village of Vassouras, in Barreirinhas Lençóis Maranhenses. This study emphasizes the perceptions and reflections of inbound travel agents/operators, who are considered the study's sampling units, and this constitutes its subject matter. Following the preliminary theoretical framework, and with regard to the search for answers to this emblematic situation, the Field Research methodology is established, using Semi-Structured interviews, which alternate between open-ended and closed-ended questions. The results indicate evidence of a travel itinerary

that appears to lack coherence, particularly given the lack of correlation between its proposal and the Ecological, Sustainable, and Green Tourism activity so widely promoted in the destination. In conclusion, a regrettable case of environmental imbalance is highlighted, which reinforces the “Mass Tourism” model established there, generating impactful adversities.

**KEYWORDS:** Vassouras in Barreirinhas; Exploration; Capuchin monkeys; Food; Receptive travel agents.

**Introdução.**

O artigo objetiva uma necessária discussão acerca da cada vez mais crescente exploração dos macacos pregos*,* alimentados artificialmente desde amendoins, barras de cereais, biscoitos, castanhas e frutas, por ávidos turistas em troca de fotografias, *selfies e vídeos*, no vilarejo ribeirinho de Vassouras (o centro da problemática estabelecida), em Barreirinhas nos Lençóis Maranhenses, visto ser esta, a primeira das paradas do maturado e, logo, muito vendável “Circuito dos Pequenos Lençóis”, enfatizando as percepções/reflexões de alguns dos agentes/operadores de viagem receptivos, sendo estes entendidos como “atores” da cadeia produtiva do Turismo local, e, circunstancialmente, como unidades amostrais deste estudo.

Portanto, faz-se procedente um alicerce tomado de um pretenso interesse aproximado de Observação Participante, uma vez que o basilar enquadramento do imbróglio é explorado, sendo tudo encaminhado a partir de três substratos distintos e complementares:

No primeiro, brevemente figura-se a cidade de Barreirinhas/MA aproximando-se da sua principal mobilidade - o rio Preguiças, dados os seus múltiplos usos - da tradicional pesca artesanal ao Turismo ali instalado; e sequencialmente, o vilarejo ribeirinho de Vassouras, onde os “famosos” e “simpáticos” primatas não humanos são entendidos por toda uma cadeia produtiva, ainda que em regulações diferentes, feito “atrativos” recebendo e encantando os visitantes.

Em um outro viés da discussão, ainda permeando um referencial teórico, são enumeradas algumas das principais características da formatação, comercialização e aceitação deste fluvial, e não menos emblemático, produto turístico.

Os dados preliminares deste trabalho, identificados a partir da situação problema, seguem no sentido de chamar atenção para a (combatida, por alguns) prática da antinatural alimentação ofertada, consequência daquela maior turística, a reconhecendo como “insustentável”, pois não preservacionista - algo que não coaduna com o destino “Ecológico, Natural e Verde” em questão, suscitando a partir de outras possibilidades de atividades locais dissonantes desta, a exemplo dos cuidados, das proibitivas e das fiscalizações, uma pretensa e quanto mais imediata revisão propositiva deste reconhecido itinerário, tornando-o, portanto, envolto em maior coerência.

## Fundamentação teórica.

### *Barreirinhas/MA e a sua principal via fluvial - da pesca artesanal ao Turismo.*

Localizada no Nordeste do estado do Maranhão, na mesorregião do Norte, na microrregião da Baixada Oriental ou dos Lençóis Maranhenses, que até a década de 1960 era conhecida apenas por "região das areias/morrarias", Barreirinhas dista cerca de 270 quilômetros à leste da capital São Luís, conforme ilustra a Figura 1.

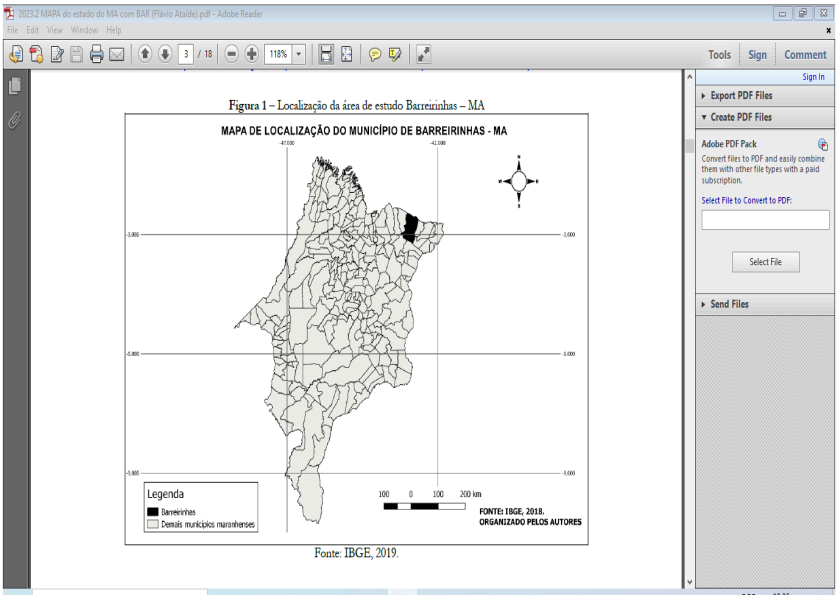


**Figura 1:** Mapa de localização do município de Barreirinhas/MA.
**Figure 1:** Location map of the municipality of Barreirinhas/MA.
**Fonte:** IBGE (2025).
**Source:** IBGE (2025).

A cidade se estabelece à beira do rio Preguiças, a principal via fluvial perene do lugar, ele que nasce no povoado Barra da Campineira, no município de Brejo de Anapurus, percorrendo um pouco mais de 100 quilômetros, antes de desaguar no oceano Atlântico, em frente a comunidade litorânea do Atins.

Sobre a denominação recebida pelo rio, existem algumas controvérsias, visto que a população local, especialmente os providos de idade avançada, defendem que aconteceu por conta dos bichos preguiças (*Bradypus variegatus)* que habitavam as suas margens, especialmente a esquerda, nos Grandes Lençóis, onde situa-se o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), discordando Tsuji (2004) ao afirmar que tudo se deu em virtude da pouca velocidade com que as suas águas correm, tanto na enchente, quanto na vazante.

Também a partir do rio, a pesca ainda responde por um papel importante junto a economia do lugar, especialmente no que diz respeito a subsistência das comunidades empobrecidas que desenvolvem uma "[...] profunda relação com o ambiente e na continuidade temporal da prática

artesanal, no domínio do saber-fazer a arte da pescaria e nos conhecimentos adquiridos e herdados dos pescadores mais velhos" (Wagner & Silva, 2020, p. 4).

Entretanto, atualmente, se faz possível observar que tipos essencialmente ribeirinhos, a exemplo do catador de caranguejos (*Ucides cordatus*)/siris (*Callinectes exasperatus*), sobretudo, nos tempos do "defeso" - períodos definidos do ano, onde se fazem proibidos a captura, o transporte e a comercialização destes animais, tornam-se pilotos de lancha "voadeira" e condutores turísticos contratados para os passeios pelos Pequenos Lençóis (Vassouras, Caburé, Mandacaru e Atins), sendo que alguns deles, não retornam ao ofício original.

Moraes & Marques (2021) advogam que isto faz com que a cidade siga, cada vez mais se adaptando à indústria turística, tornando as atividades tradicionais e de subsistência menos atrativas, visto que de baixas remunerações, logo, em prazos medianos e alongados, ampliando as inúmeras desigualdades sociais já existentes.

***À beira do rio Preguiças, o vilarejo de Vassouras - até o Atins, a primeira das paradas... ali, os macacos pregos "encantam" os turistas.***

Visto se constituir de uma Área de Proteção Ambiental (APA), o vilarejo de Vassouras, localizado à margem direita do rio Preguiças, bem próximo da sua foz é contemplado "permanentemente" pelas ações de fiscalização do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), um órgão autárquico do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), tendo a partir dos estudos de Lima (2006), o lugar recebido esta alcunha, visto a substancial incidência de uma vegetação rasteira de mesmo nome que cresce em meio às morrarias amareladas dali (Figura 2), a exemplo das dunas do Espadarte e do Morro do Boi, onde depois do mês de julho, cessadas as aguadas do período chuvoso, elas se fazem entremeadas de lagoas cristalinas, ofertando aos visitantes um cenário de beleza única.

Assim, com a atividade turística estabelecida na cidade de Barreirinhas no estado do Maranhão, tornou-se o primeiro dos pontos de parada de um circuito realizado em lanchas "voadeiras" conhecido como dos Pequenos Lençóis (roteiro rio Preguiças), sendo apropriado para um fluvial e refrescante banho, logo seguido daqueles outros três, nos povoados piscatórios do Mandacaru e do Caburé com algumas extensões até o Atins.

Em Vassouras, os nativos (ainda) minimamente organizados nas suas barracas, providas de parede e teto revestidos em palha, comercializam bebidas e petiscos rápidos, além do rico artesanato da região, tudo sob a interação provocada de um bando cada vez acrescido (uma superpopulação da espécie) de inteligentes e habilidosos macacos pregos *(Sapajus apella).*

Os primatas não humanos de hábitos diurnos, originalmente habitam as árvores dos manguezais vizinhos e para este entreposto se deslocam, visto os seus "interesses" por alimentação fácil ofertada pelos turistas, tais como amendoins, barras de cereais, biscoitos, castanhas e frutas, normalmente em troca de fotografias, *selfies* e vídeos, ainda que placas

visíveis se façam espalhadas em toda a área, insistentemente comunicando os pedidos de “não alimente os macacos”.

**Figura 2:** Morrarias amarelas de Vassouras.
**Figure 2:** Yellow hills of Vassouras.
**Fonte:** Dos autores (2025).
**Source:** Of the authors (2025).

Neste sentido, Krippendorf (1997) associa os forasteiros em viagens a verdadeiros “devoradores de paisagens”, muitos deles desprovidos de condutas cidadãs e éticas, o que faz gerar os tais “comportamentos desviantes” em nada sustentáveis, figurando-se este, um lamentável caso de desequilíbrio do ambiente, o que reforça o modal “Turismo de Massa”, historicamente estabelecido naquele lugar.

Pelicioni & Toledo (2010) genericamente afirmam que os viajantes têm sido identificados como os principais causadores dos impactos ambientais aos destinos, e da mesma forma que podem “consumir” paisagens sem nenhum respeito, devem construir laços de solidariedade entre as pessoas, observando os costumes do lugar, tudo dependendo das suas formações que antecedem à (circunstancial) condição de turistas - reiterando a importância de uma consciência ambientalista que, embora dependa da motivação individual, pode ser estimulada através de um processo educativo.

É válido ratificar que a comida ofertada aos macacos pregos é dissonante das suas habituais, haja vista que eles, naturalmente se constituem de coletores de folhas, flores, frutos; sendo também predadores de pequenos vertebrados e tornando-se perigosos, caso sintam-se ameaçados, a partir dos contatos com os seres humanos, podendo transmitir, dadas as salivas produzidas com as lambeduras/mordeduras (acidentes prováveis), inúmeras doenças como febre amarela, hepatite A, herpes simples e raiva (Fitzgerald, 1989), estando os envolvidos em tal (abusiva) prática, também muito suscetíveis a incidentes comuns causados por eles próprios, a exemplo do “roubo” de bolsas, celulares e chaves.

Orams (2002) alerta que a ingestão de uma dieta artificial, ocasiona inúmeros malefícios aos referidos animais, incorrendo costumeiramente nos riscos de intoxicação (problemas de saúde), bem como na perda das suas próprias desenvolturas para a busca das respectivas necessidades alimentares básicas, tornando-se dependentes e ocasionando desta feita, uma alteração de padrão comportamental - interferência nas relações predador/presa, bem como na cadeia alimentar.

***Características da formatação e comercialização deste produto turístico.***

Concebido pelas inúmeras agências de turismo receptivo, situadas tanto na capital São Luís, como na cidade Portal dos Lençóis Maranhenses - Barreirinhas, os *tours* que genericamente ganham a titularidade de "Circuito dos Pequenos Lençóis" são disponibilizados em programas das grandes operadoras turísticas do país e do exterior, sendo por elas e pelas suas atendidas agências de viagens emissivas, comercializados.

O passeio, que normalmente acontece na temporalidade de um dia inteiro, com saídas regulares do cais da avenida Beira Rio, dá-se em confortáveis e céleres lanchas do tipo "voadeiras" (Figura 3), a depender da demanda, providas de tamanhos diversos e obedece a um ordenamento de 3 a 4 paradas, de aproximadamente uma hora/cada, em vilarejos/povoados ribeirinhos, a saber: Vassouras, Mandacaru, Caburé e Atins (um opcional normalmente acrescido), sendo tudo acompanhado por um piloto, podendo ou não ser ele, um condutor turístico, que margeando o rio em todo o seu trajeto, chama a atenção dos visitantes para a exuberante vegetação dos mangue. Sobre este último profissional, Ferreira & Coutinho (2010) sublinham que se constitui do elo entre o meio e o visitante - um necessário (na verdade, indispensável) parceiro para a manutenção da integridade ambiental das unidades de conservação e dos seus entornos.

**Figura 3:** Lanchas "voadeiras" aguardam turistas para passeios nos Pequenos Lençóis.
**Figure 3:** Speedboats await tourists for tours of the Pequenos Lençóis.
**Fonte:** Dos autores (2025).
**Source:** Of the authors (2025).

Nos mais difusos instrumentais de vendas destas empresas, tais como os *flys/folders* impressos, as mídias sociais e os *sites*, o vilarejo de Vassouras, onde acontece a primeira das paradas é costumeiramente descrito a partir de uma possibilidade de contemplação do campo das dunas da APA dos Pequenos Lençóis - ela que dimensiona quase um terço do tamanho da área do PNLM (com tempo previsto para um banho de rio), bem como do imenso parque eólico ali estabelecido.

Destaca-se também neles, o esperado encontro com os macacos pregos que habitam aquela região, sendo que, em reincidentes situações são nestes mesmos materiais promocionais, adjetivados como “famosos” e “simpáticos”, em uma subliminar intenção da espetacularização.

Tudo completamente descabido para um destino propagado como “sustentável” - algo semelhante ao que acontece na Amazônia, bem próximo da capital Manaus, à beira do rio Negro e dos seus afluentes, assim como em Novo Airão, no Parque Nacional de Anavilhanas, visto a proposta turística dos nados com os botos *(Inia geoffrensis)*, alimentando-os, inclusive (Alves *et al*, 2010).

Em acréscimo, outros apelos comerciais reforçam uma suposta “interação” com os referidos primatas, não provida de um detalhamento sobre como se dará tal oferta, ao passo que existem ainda aqueles, que propõem um momento de “distração” com os macacos, devidamente sublinhados (na redação textual) como atrativos locais.

Entretanto, é fato, que na grande maioria desta comunicação, tais empresas turísticas chamam a atenção dos seus potenciais/reais consumidores para a não alimentação destes animais.

Contrapondo-se a toda esta lógica, em muito predatória, estabelecida no roteiro específico, sobretudo, em seu instante da operação, que deveria estar fundamentada em uma perspectiva de contemplação da singular cenografia natural estabelecida; felizmente, já é possível observar outros, notadamente diferentes em suas propositivas, a exemplo daqueles relativos a observação silenciosa de aves da região que vivem libertas, sendo estes, muito demandados por pequenos e exigentes grupos de turistas asiáticos que cada vez mais buscam os Lençóis Maranhenses para as suas viagens de férias.

Isto posto, o que se almeja é que o conceito, sempre tão controverso, da “sustentabilidade”, não se faça equidistante do desenvolvimento da atividade turística regional (Njoroge, 2014), entendida como absurdamente capilar, visto que, não deve se concentrar apenas no que é propagado em modo comercial, validando a concretude de uma suposta qualidade dos produtos/serviços especialmente ofertados.

Especula-se também, não se observar ainda discussões sobre este produto ofertado, desde das partes dos eventuais órgãos públicos, a exemplo das secretarias municipal e estadual (esta última, que trabalha fortemente questões como a roteirização) ou até mesmo das instituições de ensino, como o Instituto Federal do Maranhão (IFMA) Campus Barreirinhas, que atualmente em seu portfólio contempla dois cursos superiores muito relacionados, sendo um de Licenciatura em Biologia e outro em Gestão

Tecnológica de Empreendimentos Turísticos, na iminência de sensibilizar (questionando, inclusive) a iniciativa privada sobre todo este imbróglio.

**Figura 4:** Cuidadoso, o guia de Turismo acarinha o animal, obedecendo a sinalização.
**Figure 4:** Carefully, the tour guide caresses the animal, obeying the signs.
**Fonte:** Dos autores (2025).
**Source:** Of the authors (2025).

## Metodologia.

### *Material e métodos.*

Figurado como um estudo de abordagem qualitativa com características descritivas, haja vista que esclarece um conteúdo previamente existente, não se evadindo da sua necessária interpretação, sendo ele constituído de uma Observação Direta Participante e tendo sido as informações coletadas, obtidas e identificadas no contexto original da vivência da diversidade instalada, onde o circunstancial "cenário" é, de todo modo, devidamente explorado.

Acrescenta-se, portanto, os relatos das percepções/reflexões edificadas desde alguns dos "atores" da cadeia produtiva do Turismo local, especificamente aqueles do tipo agentes/operadores de viagem receptivos, onde a basilar discussão fora pautada na formatação, comercialização e aceitação do produto turístico estabelecido na região: "Circuito dos Pequenos Lençóis" - com uma das suas paradas (a primeira delas) no vilarejo ribeirinho de Vassouras, centro da problemática deste estudo, dado o embaraço dos macacos pregos alimentados artificialmente por ávidos e não menos "irresponsáveis" turistas, vinculando tudo, como uma correlacionada (ou não) atividade de Turismo Ecológico, Sustentável e Verde.

### *O lócus e o universo amostral da pesquisa.*

A cidade turística de Barreirinhas, porta de acesso ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, e em modo preciso, o pequeno espaçamento de Vassouras, localizado à margem direita do rio Preguiças, bem próximo da sua foz, se constitui do *lócus* deste trabalho, sendo pesquisados oito equipamentos turísticos, a saber: empresas do segmento do Turismo Receptivo, todas do tipo agências/operadoras de viagem, devidamente providas do CADASTUR e estabelecidas comercialmente nas cidades de Barreirinhas (cinco, delas) e São Luís (três, delas), tendo se constituído estes, como os principais critérios para as suas inclusões no referido estudo.

### *Os procedimentos da coleta e da análise dos dados.*

O procedimento da coleta dos dados fora viabilizado a partir do uso do instrumental investigativo do tipo Entrevista Semiestruturada, provida de seis indagações, que se revezaram em formatações fechadas/objetivas e outras abertas/subjetivas, primando-se por praticidade e clareza em todo o seu percurso.

Realizada em modelo presencial, sendo sempre previamente agendada, cada uma delas, teve duração média estimada de 60 (sessenta) minutos, (uma hora), figurando-se, desde as abordagens diversas (inicial de identificação, de sequência e final) num fluxo livre, haja vista que o intento maior da metodologia, apesar do desenho inicialmente proposto das perguntas, residiu na extração das falas espontâneas dos próprios entrevistados, portanto, os proprietários (na quase totalidade) e gestores destes referidos empreendimentos turísticos, sendo que a partir disto, as suas identidades foram preservadas em toda a análise do conteúdo coletado, partindo-se, sobretudo, da premissa que a discussão proposta, sempre se fez controversa no lugar, uma vez que conjectura-se envolver alguns interesses.

Na redação do item a seguir - Resultados obtidos e discussões inerentes, todas as unidades amostrais serão identificadas desde a sigla AOVR (agência/operadora de viagem receptivo), imediatamente acrescida do número correspondente a sua entrevista, logo obedecendo, uma ordem de agendamento realizada, portanto AOVR1 (agência/operadora de viagem receptivo ouvida em situação 1/primeira), AOVR5 (agência/operadora de viagem receptivo ouvida em situação 5/sequencial), AOVR10 (agência/operadora de viagem receptivo ouvida em situação 10/última calendarizada), conforme ilustra o Quadro 1, logo abaixo:

**Quadro 1:** Identificação das agências/operadoras de viagem receptivas pesquisadas.
**Frame 1:** Identification of the receptive travel agencies/operators researched.

| AGÊNCIA/OPERADORA de VIAGEM RECEPTIVO - - UNIDADE AMOSTRAL | IDENTIFICAÇÃO |
|---|---|
| C. TURISMO | AOVR1 |

| | |
|---|---|
| M.G TURISMO | AOVR2 |
| T. TURISMO | AOVR3 |
| D. A. TURISMO | AOVR4 |
| J.B. TURISMO | AOVR5 |
| S.P. TURISMO | AOVR6 |
| C.E. TURISMO | AOVR7 |
| P.N.A. TURISMO | AOVR8 |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025).
**Source:** Prepared by the authors (2025).

## Resultados e discussão.

(Questão 1 fechada/dados de identificação preliminar): São caracterizados os oito atores da pesquisa, se constituindo todos eles de empresas do segmento do Turismo Receptivo do tipo agências/operadoras de viagem, devidamente providas do CADASTUR atualizado, estabelecidas comercialmente nas cidades de Barreirinhas (cinco, delas - 62,5% do universo pesquisado) e São Luís (três, delas - 37,5% do universo pesquisado), oscilando em tempo de funcionamento de sete (a mais recente) a cinquenta e sete anos (a mais tradicional).

75% dos entrevistados (seis deles) se constituíram dos seus respectivos proprietários, em modo unânime providos de Ensino Superior completo como escolaridade identificada, nas mais diferentes áreas do conhecimento (Administração, Biologia, História, Letras e Turismo) e 25% de funcionários designados (dois deles) por estes últimos, os quais (ambos) detentores do Ensino Médio concluído.

Válida-se também, que 100% do universo pesquisado, sejam eles proprietários ou funcionários, nos seus respectivos negócios, diretamente se envolvem nas atividades: i) concepção/revisão de roteiros turísticos; ii) comercialização de roteiros turísticos já concebidos/revisados; iii) operacionalização de roteiros turísticos já comercializados; iv) avaliação da satisfação de clientes, desde a situação do pós-venda.

(Questão 2 aberta): Sequenciando a aplicação do roteiro da Entrevista Semiestruturada, segue uma indagação com característica aberta, onde o pesquisador deixa os entrevistados libertos, junto aos seus próprios pensamentos, ainda que não diretamente discutindo aqui, a problemática especificamente instalada, solicita-se que de modo conciso, seja construído um (particular) conceito para a atividade do Turismo Ecológico, do Ecoturismo.

O AOVR1 vincula tal prática com a terminologia da preservação, ao passo que aquele AOVR2 aproxima esta tipologia às questões da integração com o meio, não limitado a sua flora e fauna, mas, sobretudo, extensivo a toda uma comunidade que nele (historicamente) habita, acrescentando ainda os AOVR3, AOVR5 e AOVR6, o substrato da interação respeitosa e

responsável do homem com a natureza preservada, munida de uma necessária consciência da mitigação dos impactos adversos inerentes.

Já o AOVR4 percebe o Turismo Ecológico/Ecoturismo como uma atividade econômica que carece de ser permanentemente mensurada através das suas intervenções preservacionistas, tanto da parte de quem o faz uso, quanto daquela de quem o comercializa/operacionaliza, naquilo que o AOVR7 sublinha como uma qualidade do trabalho, visto os fornecedores experientes e sensíveis, suscitando questões como: “Por que os veículos motorizados do tipo quadriciclo são usados nos *trekkings* para o transporte de bagagem/cargas junto ao PNLM? As mulas dos nativos poderiam se constituir de oferta para este serviço”.

Em comunhão a tal raciocínio, o AOVR8 pleiteia que o Turismo Ecológico/Ecoturismo se vale do “naturalmente diferente”, ilustrando: “[...] é entrar em um igarapé, com água beirando até a cintura, para mostrar uma delicada florzinha amarela que só cresce por aqui”.

(Questão 3 fechada): O questionamento seguinte vincula-se a anterior construção conceitual elaborada por cada um dos entrevistados, tomando-a como uma referência/propriedade suas; logo, suscitando a provocação de uma concordância (ou não) dada uma pontual afirmação de que Barreirinhas/PNLM trabalha em sua oferta de produtos/serviços (aí, a sua empresa se inclui) com tal proposta (Turismo Ecológico/Ecoturismo), figurando-se ser um destino turístico verde, pensado na conservação do meio e na “sustentabilidade”.

As respostas para tal indagação se fazem controversas, sendo que 37,5% do universo pesquisado (três dos ouvidos) afirmam que SIM, ratificando que tal compromisso se dá, em modo mais notado, na ambiência interna do negócio, ainda que fique ele, vulnerável a toda uma desconstrução axiológica “[...] da sua porta da rua para fora [...]”, na abrangência maior das relações com o território, realça o AOVR7.

Em um contraponto, os outros 37,5% do universo pesquisado (três dos ouvidos) afirmam que NÃO, sendo que o AOVR2 grifa a terminologia “ainda” antes da negativa, vislumbrando outras esperanças.

Já o AOVR4 discute que “[...] a preocupação com o maior ganho econômico se faz muito mais forte que qualquer coisa, atropelando tudo pela frente [...]”, reavivando-se Krippendorf (2003) quando assevera que o que efetivamente interessa aos empresários do setor é que a viagem seja empreendida, visando antes de mais nada, o crescimento, no curto prazo, do volume de vendas e não o desenvolvimento, no longo prazo, de um “Turismo Harmonioso”.

Finalmente, o AOVR8 entende ser necessário um pouco mais de formação para o despertar desta sensibilidade, junto aos colegas que empreendem.

Para tal pergunta, mesmo inexistindo respostas diferentes das duas únicas (SIM/NÃO), os AOVR3 e AOVR6, portanto 25% do universo pesquisado (dois dos ouvidos) se percebem indecisos, uma vez que, paradoxalmente, ilustram ações favoráveis que conversam com a “sustentabilidade”, a exemplo do conteúdo do programa Aventura Segura ofertado pelo Ministério do Turismo (MTUR) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e outras

realidades adversas, a exemplo das inúmeras empresas que a cada dia, irresponsavelmente, surgem (e desaparecem) no destino, sem quaisquer intenções de cuidados.

(Questão 4 aberta): A quarta das abordagens, que se constitui de uma provocada citação, fora feita deste modo: Cite, no mínimo, três roteiros (integrantes da "prateleira" do destino) pela sua empresa concebidos/revisados, logo, comercializados - em *ranking* de vendas, sendo devidamente operacionalizados e providos de aceitação dos seus clientes, dados os pós-venda, se constituindo de respostas, o ilustrado no Quadro 2:

**Quadro 2:** Os roteiros mais comercializados por agência de viagem do destino.

**Frame 2:** The most sold itineraries by the destination's travel agency.

| **ROTEIROS INTEGRANTES da "PRATELEIRA" do DESTINO (em *RANKING* de VENDAS)** | **AGÊNCIA de VIAGEM RESPONSÁVEL** |
|---|---|
| 1. Circuito completo dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru, Caburé, com extensões ao Atins e Santo. Amaro);<br>2. Povoado do Atins;<br>3. Lençóis com Delta Maranhense. | AOVR1 |
| 1. Circuito dos Grandes Lençóis;<br>2. Circuito dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru e Caburé);<br>3. Povoado do Atins. | AOVR2 |
| 1. Circuito dos Grandes Lençóis;<br>2. Circuito dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru e Caburé);<br>3. Povoado do Atins. | AOVR3 |
| 1. Quadriciclos pelos Pequenos Lençóis (com parada em VASSOURAS)<br>2. Nascer do sol no PNLM;<br>3. Circuito dos Grandes Lençóis. | AOVR4 |
| 1. Circuito dos Grandes Lençóis (Lagoa Bonita);<br>2. Povoado do Atins;<br>3. Circuito dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru e Caburé). | AOVR5 |
| 1. Pôr do sol na Lagoa Bonita; | AOVR6 |

| | |
|---|---|
| 2. Circuito dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru e Caburé);<br><br>3. Povoado do Atins (em 4X4). | |
| 1. Circuito completo dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru, Caburé, com extensões ao Atins e Santo. Amaro);<br><br>2. Rota das Emoções (três estados em nove dias);<br><br>3. Povoado do Atins. | AOVR7 |
| 1. Circuito dos Pequenos Lençóis (VASSOURAS, Mandacaru e Caburé);<br><br>2. Circuito dos Grandes Lençóis (Lagoa Bonita);<br><br>3. Povoado do Atins. | AOVR8 |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025).
**Source:** Prepared by the authors (2025).

A partir da leitura interpretativa deste quadro, valida-se que o Circuito dos Pequenos Lençóis, se faz mencionado com substancial aceitação, em todas as ofertas dos roteiros integrantes da "prateleira" do destino, visto cada uma das oito empresas do segmento do Turismo Receptivo, figuradas como agências/operadoras de viagem e ouvidas neste estudo, sendo ele, entendido pelos profissionais do setor, e, sobretudo, pelos turistas, como uma opção "imperdível" de passeio na região.

(Questão 5 fechada): Analisando a questão de número 5 - Sobre o roteiro do rio Preguiças (Circuito dos Pequenos Lençóis), normalmente realizado em lanchas do tipo "voadeiras", provido de paradas estratégicas nos povoados/vilarejos de Mandacaru, Caburé e Atins (extensão opcional), imediatamente após aquela primeira de Vassouras, no que os seus clientes, normalmente manifestam interesse ali, permeando, inclusive, uma maior satisfação?

Feito resposta, 87,5% do universo pesquisado (sete dos ouvidos) reiteram ser os "simpáticos" macacos pregos que habitam a região, em uma verbalizada expectativa de "[...] brincar com os bichinhos [...], enfatiza o AOVR4; ao passo que apenas 12,5% (uma única unidade amostral - aquela AOVR5) ser a bela vista do campo das dunas da APA dos Pequenos Lençóis.

Provida de alguns desmembramentos discursivos (todos, inicialmente fechados), a derradeira pergunta de número 6, desenha-se na experiência do visitante de estar junto destes animais, os tais macacos pregos, sendo que em uma primeira abordagem, trata: Em seu entendimento, como operador turístico ecológico, existe uma correlação saudável estabelecida? - Os turistas "devoradores de paisagens", ávidos por fotografias, *selfies* e vídeos, se aproximam do ser "explorado" e "pagam por" com barra de cereais e biscoitos achocolatados baratos?

Todas as unidades amostrais (100% do universo pesquisado) responderam que NÃO, sublinhando o AOVR4 “[...] das inúmeras placas visíveis espalhadas em toda a área, comunicando os pedidos de não alimente os macacos”; ainda que, contraditoriamente, o AOVR6 acrescente a existência de uma “frequentada” venda de amendoins, castanhas e frutas, a exemplo de bananas e maçãs. Já o AOVR8, se ressente da sistemática ausência de fiscalização das partes do ICMBIO e IBAMA.

Aqui, a definição de Moreira (1992, p.113), se faz muito atual e apropriada, quando aproxima os danos - o que de fato acontece ali, a “[...] quaisquer alterações no ambiente, notadamente provocadas pelo homem, observadas a partir dos contatos estabelecidos entre os turistas e os espaçamentos visitados”, uma vez que, segundo Cooper (2001), no instante em que a atividade turística acontece, o ambiente e as suas inúmeras variantes, a exemplo da fauna/flora é inevitavelmente modificado - consequências que se constituem feito produto e produção de outros impactos, sobretudo, daqueles econômicos (Saldanha *et al,* 2024).

Em seguida, indaga-se acerca do instante da comercialização deste produto/serviço, certificando-se do passo a passo dele tratado pelo vendedor, a partir de um caracterizado detalhamento, provendo o cliente de todas as informações descritivas sobre o que compra (O que acontece primeiro? Como continua depois? E de qual modo finda?)

Todas as unidades amostrais (100% do universo pesquisado) respondem que SIM, e em modo unânime, reavivam, inclusive, o reforço das ilustrações contidas nos diversos materiais promocionais, a exemplos dos *flys/folders* impressos, das mídias sociais e dos *sites*.

Sobre a satisfação dos usuários deste produto/serviço, toma-se o devido conhecimento, através da interrogação a seguir: Sua empresa já fora, eventualmente, interpelada por clientes intermediários do tipo agências de viagem ou até mesmo finais, ambos reticentes a tal prática, desde antes da operacionalização do *tour*, ainda no instante da comercialização ou até mesmo depois da realização deste?

87,5% do universo pesquisado (sete dos ouvidos) respondem que NÃO, ao passo que 12,5% (uma única unidade amostral - aquela AOVR4) se fez então, questionada, especialmente nas situações de passeios privativos (em família), “[...] sobre isto, sendo frequente uma discussão que, normalmente, se estabelece desde as próprias crianças junto dos seus pais, ao manifestarem preocupações suas, acerca da saúde dos animais”.

É procedente pontuar que a alta incidência desta negativa em resposta, pode suscitar conjecturas, visto a figuração geral da demanda que, desde sempre se faz presente no destino, essencialmente provida de características daquela do Turismo de Massa, ela que pouco se preocupa com tais situações.

Avança-se a pesquisa com a próxima questão: E quando do momento da operacionalização do *tour*, qual a postura discursiva dos condutores turísticos - seus funcionários, ou na grande maioria das vezes, seus prestadores de serviços contratados?

Os AOVR1 e AOVR3 afirmam que estes, normalmente, incitam tais registros fotográficos, devendo serem feitos à distância e não provocados desde a alimentação artificial, solicitando as posteriores marcações das

postagens nas mídias sociais da sua empresa; naquilo que os AOVR2, AOVR4 e AOVR8 relatam de que, nem sempre existem condutores turísticos que acompanham os grupos maiores (os observando, inclusive, como nos passeios privativos), ficando estes, em muitas circunstâncias, aos cuidados dos pilotos das lanchas (que não descem delas, para - procedimento em muito combatido pelo AOVR7), limitando eles, a uma breve fala no desembarque do lugar sobre os comportamentos então desejados.

Já os AOVR3, AOVR6 e AOVR8 acrescentam a estes dois anteriores encaminhamentos, aquele que segue ao encontro do utilitário alerta para questões como a segurança individual não preservada, uma vez que se tratam de animais silvestres dispostos em “vida livre”.

O AOVR5 se coloca em modo mais irrestrito ainda, fazendo comum o discurso de “[...] sob nenhuma hipótese, alimente - tão pouco, pegue ou ainda se permita ser pego por um deles, observando tudo de longe”.

Uma outra pergunta se faz lançada, agora discutindo o quesito “incidentes” de quaisquer ordens provocados pelos animais, tais como “roubo” de bolsas, celulares e chaves e/ou acidentes, a exemplo dos arranhões e mordidas, acontecidos como consequência desta “interação” - isto, costumeiramente acontece?

Como resposta, 50% do universo pesquisado (quatro dos ouvidos) falam que SIM e a outra metade percentual que NÃO.

Neste sentido, o AOVR6 explica que “[...] bastando um barulho próprio do movimento da abertura de um saco qualquer de salgadinhos retirado da mochila, os macacos bruscamente avançam para dentro dela [...]”, ainda completando “[...] levam dali para bem longe, o que conseguem de pronto e quando não, a própria bolsa”.

Por sua vez, o AOVR3 recomenda levar os eventuais riscos em consideração, bem como as estratégias do seu monitoramento, ainda que não se tenham notícias de acidentes graves, envolvendo atendimentos médicos e supostos deslocamentos para uma Unidade de Saúde Básica (UBS) próxima ou até mesmo para o Hospital Regional de Barreirinhas, a exemplo daqueles que rotineiramente se dão, desde quedas/atropelamentos acontecidos nos quadriciclos do povoado vizinho do Caburé.

Indaga-se, por fim, se os órgãos públicos gestores de Turismo e Meio ambiente, a exemplo das secretarias municipal e estadual (esta última, que trabalha fortemente questões como a roteirização) ou até mesmo as instituições de ensino, como o IFMA Campus Barreirinhas, já promoveram (ou ainda promovem) discussões sobre o produto/serviço ofertado no destino, na iminência de sensibilizar a iniciativa privada para uma possível revisão da sua proposta, no que 100% do universo pesquisado (todas as unidades amostrais) respondem que NÃO.

## Considerações finais

O estudo pautou a centralidade da sua discussão na formatação, comercialização e aceitação do produto turístico “Circuito dos Pequenos Lençóis”, provido de uma das suas paradas (a primeira delas) no vilarejo ribeirinho de Vassouras, sublinhando o histórico embaraço dos macacos

pregos que seguem alimentados por “irresponsáveis” turistas, em troca de fotografias, *selfies* e vídeos.

Daí, então, aproveitou-se para questionar junto a alguns dos agentes/operadores de viagem receptivos do lugar, uma ausência de correlação da referida proposta com a atividade de Turismo Ecológico, Sustentável e Verde, tão propagada no destino; estando ela, notadamente figurada como um lamentável caso de desequilíbrio do ambiente, o que, conclusivamente, reforça o modal “Turismo de Massa” estabelecido, gerador de diferentes/impactantes adversidades.

Constituiu-se de intento, chamar atenção para a combatida (por alguns) e silenciada (por muitos) prática da alimentação artificial ofertada, consequência daquela maior turística, o que ocasiona inúmeros malefícios a integral saúde dos indefesos animais - inferindo-se que ela, possivelmente mantém os interesses de alguns outros (poucos) empresários do setor, na verdade, a sobrevida dos seus negócios, não devendo, em hipótese alguma, ser entendida como uma oportunidade de ganhos, porém, sim, como uma vergonhosa mancha que carece de uma imediata revisão propositiva.

Portanto, viabiliza-se um roteiro (que em sua essência, é provido de beleza singular) efetivamente coerente, o revestindo de outros cuidados, proibitivas e fiscalizações da parte dos órgãos responsáveis, a exemplo do ICMBIO/IBAMA, ratificando-se não ser possível o “insustentável desconhecido”, provido de “comportamentos desviantes”, fazer aquilo que quer (em modo não preservacionista) em uma terra que não se constitui da sua.

Observou-se também aqui, a partir das inferências das unidades amostrais ouvidas, que as secretarias municipal e estadual de Turismo e Meio ambiente e os seus respectivos conselhos (eles, que se constituem em múltiplas representações populares), bem como o IFMA Campus Barreirinhas, desde as suas pautas discursivas, se constituem de ausências para uma maior sensibilização da iniciativa privada e da própria comunidade, lamentando-se o não envolvimento/engajamento das suas difusas competências, sobre.

Retomado o objetivo atingido deste utilitário artigo, evidencia-se algumas dificuldades do trabalho, a exemplo das marcações presenciais com as amostras envoltas, visto o pouco tempo disponível do pesquisador para as entrevistas territoriais, bem como de interrupções/reticências manifestadas em algumas das respostas oferecidas pelos entrevistados, partindo-se, sobretudo, da premissa de que a discussão proposta, sempre se fez controversa no lugar, uma vez que conjectura-se envolver alguns interesses.

Por fim, são sugeridos novos estudos, aprofundando estas e outras discussões de práticas correlatas, e em um contraponto, daquela bem mais saudável, relativa a observação silenciosa de aves regionais, muito demandada por turistas asiáticos que buscam os Lençóis Maranhenses para as suas viagens de férias, de forma incidente.

**Referências**

ALVES, L.C.P.S.; SARTORI, M.A.; ANDRIOLO, A.; AZEVEDO, A. F. Alimentação artificial de botos da Amazônia (*Inia geoffrensis* de Blainville 1817) como atração turística e sua dispersão pela Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Zoociências,** v. 13, n. 1,2,3, p. 253-262, 2010.

COOPER, C. **Turismo, princípios e prática.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

FERREIRA, L.F; COUTINHO, M do C.B. Ecoturismo: a importância da capacitação profissional do condutor ambiental local. In: **Gestão ambiental e sustentabilidade no Turismo.** Barueri: 2010. Manole.

FITZGERALD, S. **International wildlife trade:** whose business is it? Baltimore: World Wildlife Fund, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapa de localização do município de Barreirinhas-MA**. 1 mapa. Preto e branco. Brasília, 2025.

KRIPPENDORF, J. **Les devoreurs de paysages:** le tourisme doit-il de truire les sites out le font vivre? Lausanne: Editions 24 heures, 1997.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** São Paulo: Aleph, 2003.

LIMA, J.M.B. **As belezas e os mistérios do rio Preguiças:** Lençóis Maranhenses, explosão de vida. Barreirinhas: 2006. Segunda edição.

MORAES, S.T. & MARQUES, M.B.O. Espetáculo e hibridação. As perspectivas sobre o Turismo em Barra Grande/PI. **Revista 5% Arquitetura + Arte,** v.1, n. 21, p. 1-22, 2021.

MOREIRA, I. V. D. **Vocabulário básico de meio ambiente.** Rio de Janeiro: Feema: Petrobrás,1992.

NJOROGE, J. M. An enhanced framework for regional tourism sustainable adaptation to climate change. **Tourism Management Perspectives,** v.12, p. 23-30, 2014.

ORAMS, M. B. Feeding wildlife as a tourism attraction: issues and impacts. **Tourism Management,** v.23, n.3, p. 281-293, 2002.

PELICIONI, M.C.F.; TOLEDO, R.F. Educação para o Turismo: turistas e comunidade. In: **Gestão ambiental e sustentabilidade no Turismo.** Barueri: 2010. Manole.

SALDANHA, M.A.; SILVA, A.M.B.F. da; TAVEIRA, M. da S.; ALEXANDRE, M.L.; ALVES, M.L.B. Implicações ambientais do Turismo em Barreirinhas

(MA) a partir da observação dos agentes de viagem receptivos. **Revista Brasileira de Ecoturismo,** v. 17, n. 2, p. 132-153, 2024.

TSUJI, T. **Região dos Lençóis Maranhenses:** cenários futuros de ecoturismo e desenvolvimento sustentável. Juruá, 2004.

WAGNER, G.P & SILVA, L.A. A pesca e o pescador: por uma haliêutica historicizada. **Oficina do historiador,** v.13, n.1, p. 1-6, 2020.

***Autores/Dados Institucionais***

**Marcelo Aragão Saldanha:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN e Instituto Federal do Maranhão/IFMA Campus Barreirinhas; Barreirinhas/MA/Brasil.

Email: marcelo.saldanha@ifma.edu.br

Link para o Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7157840590052692

**Maria Lúcia Bastos Alves:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN; Natal/RN/Brasil.

Email: maria.bastos@ufrn.br

mluciabastos29@yahoo.com.br

Link para o Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1719643619018288

**Almir Félix Batista de Oliveira:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN; Natal/RN/Brasil.

Email: almirfbo@yahoo.com.br

Link para o Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6348825553522569

**Marcelo da Silva Taveira:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN;
Currais Novos/RN/Brasil.

Email: marcelo.taveira@ufrn.br

Link para o Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3603092470145208

**Sílvia Helena Ribeiro Cruz:** Universidade Federal do Pará/UFPA; Belém/PA/Brasil.

Email: silhcruz@gmail.com

Link para o Curriculo Lates: http://lattes.cnpq.br/8432421463410679